

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

FLAVIA DE CASTILHO SILVA OLIVEIRA

**PAIS E FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA
EDUCACIONAL**

MARINGÁ
2016

FLAVIA DE CASTILHO SILVA OLIVEIRA

**PAIS E FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA
EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. Raymundo de Lima.

MARINGÁ

2016

FLAVIA DE CASTILHO SILVA OLIVEIRA

**PAIS E FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA
EDUCACIONAL**

Aprovado em __/__/__

Prof. Dr. Raymundo de Lima
(Orientador)

Profa. Dra. Celma Regina Borghi Rodriguero

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira Gomes

PAIS E FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL

FLAVIA DE CASTILHO SILVA OLIVEIRA¹

RAYMUNDO DE LIMA²

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo mostrar que assim como a instituição família vem se modificando ao longo dos anos e adquirindo novas configurações e funcionamentos, a educação também se transformou. A realidade social exige que a figura paterna vá além de ser o provedor da família, dividindo a responsabilidade educativa com o seu cônjuge. Entende-se que o processo de desenvolvimento da criança passa por constantes mudanças, tanto físicas e psicológicas, e os pais devem estar preparados da melhor maneira para ajudá-los durante o processo.

Palavras-chave: Educação dos pais. Disciplina. Respeito. Limite.

ABSTRACT: This course conclusion work aims to show that just as the family institution has been changing over the years and acquiring new settings and runs, education also changed. The social reality requires that the father figure goes beyond being the family provider, dividing the educational responsibility with your spouse. It is understood that the child's development process goes through constant changes, both physical and psychological, and parents should be prepared in the best way to help them through the process.

Keywords: Parent education. Discipline . Respect. Limit.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

² Prof.º Dr. do Departamento de Fundamentos da Educação e Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso.

1. INTRODUÇÃO

Educar, segundo o dicionário, é oferecer a alguém o necessário para que essa pessoa consiga desenvolver plenamente a sua personalidade. É propagar ou transmitir conhecimento (AURÉLIO, 2010). Ou seja, educar é acompanhar e influenciar de alguma forma o desenvolvimento da aprendizagem, das capacidades físicas e intelectuais.

Cabe aos pais – ou responsáveis – educar seus filhos, ainda que a criança passe o dia todo na escola. Portanto, distingue-se a função de “educar” da família e da escola, em que esta deve “ensinar” as crianças, focadas no desenvolvimento intelectual, aprendizagem de conteúdos curriculares, tais como: aprender ler, escrever, interpretar, se comunicar, ou seja, preparar a criança para vida adulta, a cidadania e para o mercado de trabalho.

Pais que se tornam ausentes, devido à rotina de trabalho ou tentam compensar essa falta deixando que seu filho/a faça tudo o que quiser; que ele/ela tenha tudo o que desejar. Para ocupar o vazio dos pais, na criança, acreditam que podem compensar esta falta realizando todas as vontades da criança; acreditando que assim ela não irá sentir esse “abandono”. Aparentemente os pais estão tão preocupados em garantir um futuro material para o/a filho/a que acabam deixando a responsabilidade desta função para depois ou esquecem.

Educar sem culpa deve ser o nosso papel, contemplando os anseios e características dos nossos filhos, mas oportunizando limites e valores. (ZAGURY, 1993).

2. Família, valores e sociedade

Durante muito tempo os pais educavam seus filhos para seguirem suas profissões, ou a tradição familiar, principalmente visando manter as conquistas da família. Não havia tempo para a criança ser criança, ou seja, para ela somente brincar e estudar, pois à partir do momento em que ela possuísse algumas habilidades motoras era direcionado ao trabalho, a fim de ajudar no sustento de sua família.

Ao considerarmos que o mundo contemporâneo vive em constante transformação sócio-cultural, política e econômica; e como estas influenciam na vida dos homens em seus costumes, valores de vida e em sua família, assim como são sujeitos às transformações, eles contribuem para que elas aconteçam. Se há quatro décadas era dominante na sociedade a família nuclear, composta pelo pai, mãe e filhos, onde o sustento do lar era a obrigação ou dever do pai; e a mãe cabia à função de educar os filhos e cuidar dos afazeres domésticos. E qualquer visão que fugisse dessas funções não era aceita pela sociedade, por exemplo, um casal homoafetivo não poderiam constituir uma família, muito menos educar uma criança. Onde a passagem dos anos mostrou que essas visões não eram necessariamente as corretas, ou até mesmo aquela que abordava toda a sociedade.

Até mesmo jovens de vinte e poucos anos atualmente podem perceber as transformações rápidas e profundas no modo de vida familiar e da sociedade. Na família tradicional e patriarcal o sustento da casa era de responsabilidade exclusiva do pai, já em nossa época, nos países do ocidente, esta responsabilidade passou a ser dividida com a mãe. Não é raro o pai precisar ficar em casa com os filhos, ou até mesmo há casos em que as mudanças econômicas interferem na configuração tradicional da família e o sustento passa ser de responsabilidade da mãe; os filhos passam a frequentar uma escola em período integral, ou frequentam a casa de parentes no contraturno da escola, ou até mesmo os pais contratam alguém para que acompanhe as crianças durante os períodos que estão ausentes.

A instituição família, ao longo dos anos, foi se transformando e passou a adquirir novas configurações e funcionamento. Como afirmam Miguel e Braga (2008) as relações familiares influenciam e são influenciadas pelos movimentos sociais e se modificam de acordo com as necessidades criadas pelo homem, que também se modifica. Sendo assim, a família contemporânea tem criado formas particulares de organização, abrindo perspectivas imprevisíveis na educação da nova geração de filhos.

Assim como a sociedade foi se desenvolvendo e se modificando, a educação também se transformou. A base familiar tem se modificado ao decorrer do tempo; o modelo tradicional de homem e mulher que se casam, tornam-se pai e mãe e educam seus filhos para “viverem felizes para sempre” foi se modificando. No Brasil,

são autorizadas pelo Estado as uniões homoafetivas³, a família mononuclear é reconhecida como tal, entre outras configurações familiares.

Na família tradicional o pai exercia o máximo de sua autoridade com seus filhos, mas cabia a mãe a tarefa educativa. A educação de ambos era baseada no rigor, ou seja, ambos corrigiam os erros dos filhos. Desse modo, as crianças aprendiam quais eram os limites, eram disciplinadas, e respondiam com respeito aos pais. Em nossa época os filhos tendem a ditar as regras do lar, ou, em outras palavras, os pais revelam omissão ou acovardamento para exercerem sua função diferenciada – ser pai e ser mãe – e muitas vezes eles revelam pouca ou nenhuma responsabilidade por meio de palavras e atos. Crianças que não sabem o que é respeito, limite, e disciplina, tendem a conseguir impor suas vontades e desejos, simplesmente fazendo pressão e sedução sobre os pais ou responsáveis, e assim vencem os próprios pelo choro, grito e cansaço.

O processo do ensinamento aos filhos da convivência com os outros, a transmissão da história, tradições, valores e costumes familiares, a construção das virtudes e da moral familiar, o ensinamento de princípios caros ao grupo, entre tantos outros atributos dos pais, perdem terreno. Trata-se, segundo alguns estudiosos, do declínio da educação familiar. (SAYÃO, 2010).

Ou seja, as modificações na estrutura familiar vêm influenciando a educação dos filhos na contemporaneidade. Se a criança convive com a presença do pai ou da mãe, de um membro da família, ou responsável, podemos dizer que a criança ainda possui essa “sorte” de se sentir amparada e possivelmente educada. Pois, muitas vezes a criança passa mais tempo na creche, na escola, ou sob a responsabilidade de uma babá ou empregada doméstica, que pode gerar nela a sensação de abandono, se sentir desamparada; esta situação psíquica pode alterar o seu rendimento de aprendizagem escolar.

³ “O reconhecimento de **casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil** como [entidade familiar](#), por analogia à [união estável](#), foi declarado possível pelo [Supremo Tribunal Federal](#) (STF) em [5 de maio](#) de 2011 no julgamento conjunto da [Ação Direta de Inconstitucionalidade](#) (ADI) n.º 4277, proposta pela [Procuradoria-Geral da República](#), e da [Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental](#) (ADPF) n.º 132, apresentada pelo governador do [estado do Rio de Janeiro](#). Desta forma, no Brasil, são reconhecidos às uniões estáveis homoafetivas todos os direitos conferidos às uniões estáveis entre um homem e uma mulher” (...).

“No dia 14 de maio de 2013 o [Conselho Nacional de Justiça](#) (CNJ) aprovou uma resolução que obriga todos os cartórios do país a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo”. (FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casamento_entre_pessoas_do_mesmo_sex_no_Brasil)

Tb.: <http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestques&idConteudo=238515>)

A arte de educar consiste na possibilidade de os pais crescerem junto com cada filho, respeitando sua trajetória (MALDONADO, 1986).

Se considerarmos a educação como possibilidade de crescimento tanto dos filhos como dos pais, devemos levar em consideração a preocupação de alguns pais atualmente que apontam não saber como educar, como falar e agir com a criança.

Alguns adultos que sofreram abusos de autoridade de seus pais quando crianças, que sentiram constrangimento, ou que consideram que receberam uma boa educação de seus pais e talvez concordam com seus métodos e resolvem reproduzi-los com seus filhos, por terem este modelo como único para educar. Nesta perspectiva, considerando o desejo de exercer o mesmo tipo de educação recebida quando pequeno, ou até mesmo o desejo de não permitir que as mesmas situações possam se repetir, acabam por gerar a incerteza dos pais em como devem educar seus filhos nos tempos atuais. Afinal,

A criança vive no mundo, portanto, passa por inúmeras experiências que se contribuem para formação de sua personalidade (MALDONADO, 1986).

A criança durante seu processo de desenvolvimento passa por mudanças físicas e psicológicas, possivelmente reforçadas pela cultura local e global. O meio social em que ela convive interfere positivamente ou negativamente, cujo efeito é a formação de sua personalidade, ou seja, esta criança se tornará no futuro o resultado destas múltiplas influências. A educação deve contribuir de maneira própria para a boa formação de sua personalidade.

Zagury (1993) observa que independente do nível de conhecimento e cultura, muitos pais em nossa época tem se mostrado incrivelmente incapazes de exercer sua autoridade. A dificuldade deles de estabelecer limites aos seus filhos diante das birras e manhas, resistência à obediência, desrespeito, revelam a incapacidade deles para educá-los. Desse modo, os pais de nossa época se mostram despreparados, confusos e até mesmo medrosos na relação com os filhos; eles não conseguem dizer não, não conseguem exercer a autoridade de pai e de mãe, para comandar a educação e evitar a incivilidade e indisciplina.

Considerar que a figura da autoridade está intimamente relacionada com os sentimentos de respeito, consideração e admiração. Sendo

assim, um filho que admira e respeita o pai fica mais próximo de cumprir uma ordem e procura se disciplinar. Por outro lado, um filho que teme a figura do pai, mas não o respeita pode até obedecer, mas não se importa para a autodisciplina. (ARAUJO, 1999, p.40).

Entendemos que a melhor relação entre o adulto e a criança deve ser de respeito e consideração. Mas cabe ao adulto transmitir “sua” autoridade para a criança por meio de palavras, gestos e exemplo. Também considerar que tal autoridade [de pai ou de mãe] deve conter algo que inspira carinho, respeito e amor.

Ao considerar um filho que trata os pais de igual para igual, estabelecendo uma relação de amizade, muitas vezes ignora a disciplina e o respeito. Onde diante uma situação a qual o pai deve corrigir seu filho ou aconselhá-lo para tomar uma decisão, por medo ou por não quererem assumir uma postura rígida, deixam seus filhos assumirem a autoridade construindo mais uma relação de [pseudo]amizade⁴ e não uma relação assimétrica entre pais e filhos.

Caetano (2011) aponta que alguns pais ainda não conseguem educar seus filhos, ensinando valores, por falta de paciência e conhecimento da função de pai e de mãe. Outros abrem mão desta autoridade forjando ser “amigo” de seus filhos, considerando a relação entre iguais.

La Taille (1999) em seu livro “Limites: três dimensões educacionais” argumenta que é importante desde cedo os pais expliquem as regras e os valores a seus filhos, por mais que estes ainda não os compreendam

De um modo que eles saibam que tipo de educação será cobrado de seus filhos, tendo uma segurança em suas atitudes, pois as crianças são seus reflexos e estão em constante processo de aprendizagem e precisam de alguém que possa conduzi-las durante esse caminho.

Ainda aponta que os responsáveis necessitam ser seguros e firmes, pois é possível educar com autoridade sem desrespeitar os filhos e ainda mantê-los próximos, com uma relação de amigos, sabendo que existe uma diferença entre autoridade e poder diante deles. (CAETANO, 2011)

⁴ Usamos o termo “pseudoamizade”, porque a relação entre pais e filhos não é de amizade autêntica, que é uma amizade entre iguais (ALBERONI, 1992). Isto é, a relação entre pais e filhos é dessimétrica, portanto, é uma relação própria e especialmente restrita a tal configuração familiar. Esta dessimetria não impede que ambos, filhos e pais, “cresçam juntos”, como observa Maldonado (1986, p. 31; Tb. observação do Prof. Raymundo de Lima).

Segundo Grunspun (1983), a criança precisa de uma figura de autoridade para se orientar em sua formação, e assim ela poderá selecionar suas vontades, coordenar seus desejos e se tornar mais organizada quanto aos seus objetivos. Assim, a autoridade dirigida aos filhos deve ser exercida por meio de diálogo e atos. Também é imprescindível o diálogo entre o pai e a mãe, tanto para melhorar os as palavras e atos educativos como para fazer crítica e autocrítica dos mesmos.

Os pais têm função diferente em relação aos filhos; essa função deve se completar, ser harmônica. Quando não há harmonia, não existe autoridade ou há patologia da autoridade. Se um dos pais tenta suprir o que acha de errado nas atitudes do outro, criam-se conflitos de autoridade para os filhos - razão de sofrimento (GRUNSPUN, 1983, p. 32).

Ainda as normas e valores transmitidos pela família são fundamentais na educação dos filhos, e os pais muitas vezes não sabem como intervir. E inseguros sobre o que dizer ou fazer com receio de traumatizá-los acabam omitindo-se das quais. (BELLO2011, p.11).

Alguns especialistas defendem mais o uso do diálogo na educação e apontam que a esta falta [de diálogo], de atos assertivos e justos, e de orientação para os limites, podem ser prejudicial ao desenvolvimento psíquico da criança. A falta de limites entre pais e filhos pode repercutir em toda vida social da criança (BELLO, 2011, p.11; RODRIGUES, 2011, p.12).

O diálogo se torna importante no processo de formação da criança, pois, uma vez que cria uma relação de troca de experiências entre pais e filhos trás a oportunidade da criança compartilhar com os pais os conhecimentos que vem construindo.

3. Pais x Autoridade

Na atualidade, há pais ou responsáveis que pensam que para um bom desenvolvimento psicossocial a criança não deve jamais se sentir frustrada diante qualquer situação. Eles acreditam que a melhor maneira de contribuir para a boa formação de personalidade seja gratificando o que a criança deseja, ainda que ela não necessite de um bem material.

Podemos ainda reconhecer dois extremos de estilos parentais, atualmente: aqueles que autorizam plena autonomia como forma de bem educar os filhos desde

pequenos, e aqueles que não dão autonomia nenhuma à criança. O primeiro são os pais permissivos ou negligentes. O segundo são pais que tendem ser autoritários.

Estilos parentais: é o conjunto de atitudes dos pais que cria um clima emocional em que se expressam os comportamentos dos pais; mães e pais que podem se comportar de maneira diferente; os estilos parentais incluem as práticas parentais (elogios, gritos, punições etc.) e outros aspectos da interação pais-filhos que possuem um objetivo definido, tais como: tom de voz, linguagem corporal, descuido, mudanças de humos. (WEBER, 2005).

Em sua pesquisa Weber (op.cit.) destaca os estilos parentais entre quatro categorias, sendo a primeira delas os pais **participativos**, ou seja, aqueles que educam dando apoio, mas exercendo um firme controle (limites) e reconhecimento dos interesses da criança. Os pais **negligentes** são os pais-ausentes, que evitam estar com os filhos, demonstram falta de responsabilidade na educação dos filhos, não mostram afeto nem envolvimento, ou interesse real pelo que eles fazem. Pais **autoritários** são os pais que possuem o controle total e regras absolutas; eles supõem ter sempre razão. E os pais **permissivos** são aqueles com dificuldade de dizer não, são centrados nos desejos do/a filho/a, aceitam o comportamento da criança sem tentar modelá-lo e acabam por desculpar qualquer atividade do filho, mesmo quando inadequada.

A pesquisa de Lidia Weber (*apud* LIMA, 2009), aponta para o 45% no número de pais negligentes e 12% de pais permissivos. Destacando ainda 10% de pais autoritários, sobrando 33% de pais considerados participativos na relação com os filhos. Chama nossa atenção, nesta pesquisa, que a maioria dos pais pecam pela negligência, ou seja, os pais se desresponsabilizam da sua função civilizadora, abrindo o espaço para que as crianças reproduzam condutas inadequadas.

Número de crianças mimadas, pequenos ditadores do lar, sem limites, porque para elas "tudo pode", inclusive mandar nos pais (os filhos tem algum poder, mas não possuem autoridade sobre os pais). O que será o futuro de uma geração acostumada aos mimos, a sedução para ter as coisas, a ter a ilusão de que com gritos e ameaças podem ter tudo? (LIMA, 2009, p.119).

Para Lima (op.cit.) o desrespeito à autoridade e à lei começam em casa, por meio dos pais negligentes, permissivos ou cínicos, que as crianças, jovens e adultos terminam reproduzindo atos e palavras no meio social. O pai sempre foi visto como o

exemplo da família, o provedor, autoridade absoluta na sua presença ou ausência dentro de casa. As crianças necessitam de autoridade dos pais para conquistar seu próprio espaço, ainda que passem por uma fase desafiando a autoridade, onde alguns deles podem buscar maneiras de discipliná-los ainda é preciso conquistar um modo de ser civilizada.

Disciplinar é ajudar uma criança a desenvolver seu autocontrole, estabelecer limites, ensinar comportamentos adequados e corrigir os inadequados. Disciplinar também envolve encorajar a criança, ajudá-la a desenvolver a sua auto-estima e sua autonomia, ou seja, prepará-la para enfrentar o mundo sem que precise emitir comportamentos simplesmente para evitar as punições e aprender que a coerção é uma solução inaceitável para a resolução de problemas. (WEBER, 2004, p.235).

Paulo Freire (1996) aponta que o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Assim o ideal de resultado do processo educativo seria que o/a filho/a assumisse sua autonomia, porém com responsabilidade. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Sendo assim, a autonomia não é apenas a liberdade de fazer o que se quer, mas a responsabilidade em decidir sobre seu próprio comportamento.

Como aponta Menin (1996, p.101):

Pais e professores que querem uma educação para autonomia devem primeiramente considerar seus próprios comportamentos e julgamentos morais. A sua autonomia será modelo para as crianças e a sua ausência também.

Os pais devem ter em mente que para favorecer o desenvolvimento da autonomia da criança devem criar oportunidades para ela fazer escolhas, que devem ser de acordo com sua idade e maturidade. O importante não é a quantidade de atividades que a criança consegue desenvolver sozinha, e sim como ela consegue concluí-las. Então,

Educar para a autonomia implica, fundamentalmente, em dar responsabilidades à criança, deixando, pouco a pouco, de fazer por ela o que já consegue fazer sozinha, ou deixar de intervir em

situações que a criança já pode resolver por conta própria. (MALDONADO, 1986, p.33).

A partir do momento que a criança inicia seu desenvolvimento físico e psíquico cada nova descoberta vai moldando sua personalidade, e vai lhe preparando para o mundo. E assim vai deixando-a suscetível aos desafios da vida, os desafios positivos assim como os negativos. Não existindo uma maneira de preservá-la dos maus momentos da vida não há como ocultar os acontecimentos, os motivos dos quais podem não ser claros, mas as situações provocadas pelos mesmos são sentidas, pois as crianças possuem grande sensibilidade para perceber o que esta acontecendo e assim amadurecer diante das situações.

A criança tem capacidade de perceber o que está acontecendo e de experimentar toda a gama de sentimentos humanos. Até mesmo um bebê consegue captar com extrema sensibilidade mudanças importantes do ambiente; a atitude de ocultar informações importantes aumenta a confusão da criança e a faz sentir-se marginalizada e traída; e, tal como o adulto, a criança tem capacidade de amadurecer através da assimilação de experiências frustrantes ou dolorosas que, lado a lado com as de satisfação e felicidade, fazem parte da existência humana. (MALDONADO 1986, p.39).

4. A comunicação entre pais e filhos

A comunicação entre pais e filhos pode acontecer de diversos modos, como aponta Maldonado (1986). Todavia, é importante destacar que esses recursos não são fórmulas mágicas que resolvem todos os problemas e impasses, mas tentativas de abordar as situações de uma nova perspectiva.

Ao acompanhar cada etapa do desenvolvimento da criança, dizendo a ela o que tem que fazer e o que não pode fazer como fazer, ou como não fazer, com o tempo ocorrerá um efeito de desgaste, pois assim não proporcionamos à criança a oportunidade de ela ser autônoma, podendo desencadear um processo de resistência e rebeldia. Considerando que com o uso excessivo de ordens a criança pode se sentir incapaz de saber o que faz ou que deve fazer,

os efeitos do uso excessivo de ordens na formação da personalidade podem ser bastante diferentes: podem abafar o desenvolvimento da autonomia, tornando a criança excessivamente submissa, pode gerar

extrema rebeldia e pode dificultar o desenvolvimento da responsabilidade. (MALDONADO 1986, p.47).

Conseqüentemente, quando as crianças não atendem as ordens dadas pelos pais, às ameaças começam aparecer na tentativa de modificar o comportamento considerado indesejável. A ameaça aparece quando a possibilidade de perder o controle parece estar presente, levando a criança a testar as ameaças, para ver se de fato elas serão cumpridas. Nesse sentido, Maldonado (1986) aponta que:

As ameaças são também utilizadas para ver quem é mais forte. Condutas desafiantes, provocativas e irritantes da criança freqüentemente são reações a condutas igualmente desafiante, provocativas e irritante dos pais. (MALDONADO, 1986, p.49).

Os pais ao tomarem uma postura assertiva que mostra as crianças que suas atitudes geram conseqüências reais ou danosas, estão efetivamente educando. Não que essas conseqüências são resultados de ameaças feitas pelos pais. Desse modo, apontar a conseqüência dos atos como natural, contribui para ensinar a criança a desenvolver a responsabilidade. Muitos pais depois ainda apelam para a lição de moral.

Quando damos lição de moral, sermões ou conselhos o fazemos com o intuito de modificar comportamentos da criança, instruir, educar, ensinar, transmitir princípios morais. (MALDONADO, 1986, p.51)

A lição de moral é entendida como forma mostrar a criança que ela está errada, da maneira que se ela fala ao pai que está muito brava com um amigo, porque o mesmo pegou seu brinquedo e não quer devolver e sua vontade é bater muito no amigo. Se o pai a repreende, com argumentos que eu menino/a educado/a não resolve as coisas com brigas e que não devemos sentir raiva dos amigos. O problema é que a criança repreendida sem explicação, fica impedida de saber o que realmente aconteceu, podendo concluir que o pai não a entende, e que muito menos a escuta, as lições de moral se não levada em consideração à situação como um todo, se torna irrelevante, pois não considera o que a criança esta passando. Maldonado critica as lições morais porque

são apresentadas de forma tão generalizada e estereiotipada – verdadeiros “chavões” – que não há oportunidade de sintonizar com

os sentimentos da crianças (...) Os “sermões” estereotipados são mensagens ocultas, que ensinam muito pouco porque provocam resistência e irritação – “entra por um ouvido e sai pelo outro”. Muitos pais se frustram porque percebem que não são sequer ouvidos quando chamam os filhos para “ter uma conversinha”. [Enfim] os pais ficam falando sozinhos, os filhos reagem com silêncio, ironia, tédio ou cantarolam e viram as costas. As lições de moral ensinam muito pouco sobretudo porque tentam impor alguma coisa de fora para dentro, sem levar em consideração o que está se passando com a [subjetividade da] criança (MALDONADO, 1986, p. 51).

Uma opção que conduziria a criança a uma reflexão e assim a oportunidade de resolver seus problemas seria dar sugestões de como ela poderia agir, do que dizer para que seu objetivo seja alcançado. Assim a criança poderá sentir-se acolhida, pois seu pai a aconselhou de uma forma, que não estimula a violência. Sendo esta uma alternativa que a pessoa pode não ter pensado, dando a liberdade de tentar ou não.

A importância de aprender, pela própria experiência do cotidiano, que existem momentos difíceis na vida de todas as pessoas. Quando rapidamente tentamos tirar a criança da situação consolando-a, o que na verdade estamos fazendo é tirar-lhe a oportunidade de aprender. (MALDONADO, 1986, p.61).

Possibilitar a aprendizagem da criança através de suas experiências abre a oportunidade de acertar e errar, dando assim espaço para a crítica dos pais, pois se aos seus olhos a criança não está no caminho certo, ou o considerado aceitável a reação automática é criticar, na tentativa de conseguir uma mudança de opinião.

Um dos efeitos mais nocivos do excesso de crítica é a influência negativa da auto-imagem: a criança pode passar a olhar para si próprio de modo depreciativo, sentindo-se deslocada, inferiorizada e sem valor. (MALDONADO, 1986, p.65).

Podemos observar da seguinte maneira: se uma criança apresenta uma dificuldade em aprender algo, e um colega seu consegue aprender rapidamente, e chateada com essa diferença os pais dela comentavam num tom pejorativo e de comparação com outras crianças, esta atitude contribui para bloquear a aprendizagem da criança que acaba duvidando de sua capacidade e diminui assim sua autoconfiança. Nesse sentido, Maldonado observa que:

A atitude crítica e depreciativa pode fazer com que a criança acabe bloqueando permanentemente muitas de suas potencialidades, prejudicando seu desenvolvimento e contribuindo para que ela passe a não acreditar em si própria. (MALDONADO, 1986, p.65).

Considerando que as crianças passam por constantes transformações em seu desenvolvimento, as críticas recebidas são prejudiciais e podem alterar negativamente a auto-imagem e intensificar suas dificuldades diante de algumas situações. Concordamos que muitas vezes as crianças fazem coisas que são inaceitáveis, mas existem outras maneiras de ajudar a criança a trilhar seu caminho sem a prejudicar sua auto-imagem com o excesso de críticas, pois, ao criticarmos estamos observando a pessoa a partir do nosso julgamento e ponto de vista.

Em contrapartida ao excesso de crítica e suas conseqüências, podemos reconhecer os efeitos dos elogios em excesso. Elogiamos quando nos sentimos contentes e orgulhosos com a criança diante de alguma situação, e usamos o elogio para expressar nossas emoções. Assim como as críticas repetidas podem causar na criança um sentimento de inferioridade os elogios em excesso podem causar um sentimento de superioridade, ou uma preocupação na criança em alcançar as expectativas criadas pelos seus pais.

Sobre as crianças que estão na fase das perguntas, e os adultos não sabem como melhor responder: um exemplo seria de uma criança que ao chegar em casa da escola comenta que a professora lhe chamou a atenção e automaticamente os pais já lhe fazem diversas perguntas sobre o motivo sem ao menos permitir que a criança termine de contar o ocorrido. Nesse sentido, Maldonado (op.cit.) faz crítica aos pais fazem perguntas em tom de interrogatório, expressando desconfiança e acusação, fazendo perguntas com o intuito de investigar ou vigiar. Nesse sentido, os pais partem do princípio de que a criança está sempre errada, e portanto cabe a eles corrigi-la.

Há também a esperança de que as perguntas possam atuar como saca-rolhas para as crianças tímidas, introvertidas e que não falam muito. Comumente, temos dificuldade de aceitar os outros como são e procuramos transformá-los de alguma maneira: tornar quem é calado mais falante, o introvertido mais sociável, enfim, adequar as pessoas nos moldes e padrões socialmente mais valorizados. (MALDONADO 1986, p.72).

A criança pode sentir-se pressionada a responder perguntas às quais não está preparada para responder por sentir que seria uma tentativa de invasão de sua

privacidade. Os pais devem compreender que da mesma maneira que existem perguntas que lhes causam desconforto para responder, há perguntas que produzem o mesmo sentimento nas crianças. Conseguir demonstrar que está presente para ajudá-lo em qualquer situação sem a criança se sentir pressionado talvez seja umas das coisas mais difíceis de fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi o de mostrar que assim como a instituição família vem se modificando ao longo dos anos e adquirindo novas configurações e funcionamentos, a educação também se transformou.

A realidade social exige que a figura paterna vá além de ser o provedor da família, dividindo a responsabilidade educativa com o seu cônjuge. Entende-se que o processo de desenvolvimento da criança passa por constantes mudanças, tanto físicas e psicológicas, e os pais devem estar preparados da melhor maneira para ajudá-los durante o processo.

A falta de referência de pai/mãe ou um responsável pode ser visto pela criança como um abandono, ou uma superproteção com a criança pode ser visto como um exagero. A família contemporânea tem criado formas particulares de organização abrindo novas perspectivas na educação de seus filhos. Não existe um método correto e único quando se trata da educação de nossas crianças, cada família se baseia e se ajusta de uma maneira que acredita ser a melhor e correta.

O essencial é manter-se em sintonia com os filhos para poder reagir de forma flexível e adequada, no fluxo contínuo do descobrir e do redescobrir aspectos novos no relacionamento. Algo ao mesmo tempo misterioso e fascinante na tarefa de ajudar uma criança a crescer e ser gente. (MALDONADO 1986, p.165).

A realização deste estudo foi de suma importância para minha formação profissional, proporcionando a oportunidade de reflexão sobre o nosso papel como profissional da educação. Destacando que uma boa educação deve ser pauta no respeito, limite, diálogo e amor para que juntos possamos preparar nossas crianças para o futuro.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **A amizade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ARAÚJO, Ulisses F. Respeito e autoridade na escola. In: **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999. p. 31-48.

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AURÉLIO, B. H. F. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa [Aurélio]**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

BELLO, T. O diálogo entre pais e filhos. **Revista Programa**, São Paulo, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.escoladepaisdebiguacu.org.br/2011/07/o-dialogo-entrepais-e-filhos/>> Acesso em: 8 maio. 2015.

CAETANO, L. M. **O conceito de obediência na relação pais e filhos**. São Paulo: Editoras Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Coleção leitura. 29.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LIMA, R. **O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola**. Rev Espaço Acadêmico, v. 9, n. 102, p. 111-119, nov. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais se filhos: a linguagem do sentir**. 11.ed..Petrópolis, Vozes, 1986.

MIGUEL, L. O. dos S.; BRAGA, E. R. M. **A Importância da Participação das Famílias dos alunos no Processo de Aprendizagem, visando ao sucesso escolar**. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-8.pdf>. Acesso em: 10 de jun de 2015.

SAYÃO, R. **Como educar meu filho?** – princípios e desafios da educação de crianças e adolescentes hoje. São Paulo: Publifolha, 2003

ZAGURY, Tania. **Sem padecer no paraíso:** em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.